



NARRATIVAS BIOGRÁFICAS E AUTOBIOGRÁFICAS SOBRE FEMINISMO ACADÊMICO NO ÂMBITO DA REDE FEMINISTA NORTE E NORDESTE DE ESTUDOS E PESQUISA SOBRE A MULHER E RELAÇÕES DE SEXO E GÊNERO – REDOR

Adenilda Bertoldo Alves de Moraes¹

*Maria Eulina Pessoa de Carvalho^{**}*

*Glória Rabay^{***}*

RESUMO

Este texto analisa as histórias de vida de algumas integrantes, fundadoras e/ou atuais dirigentes, dos Núcleos de Estudos de Gênero vinculados à Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Sexo Gênero - REDOR. O objetivo foi identificar através das narrativas biográficas e autobiográficas como se desenvolveu a militância feminista das docentes dentro e fora da universidade, as dificuldades relacionadas à institucionalização dos estudos de gênero na academia, bem como a influência dos estudos de gênero em suas vidas. A análise das dez entrevistas biográficas e cinco autobiografias evidencia que: 1) A maioria das docentes desenvolveram a militância feminista antes de adentrar nas IES; 2) Metade das docentes feministas sofreram discriminação na academia por pesquisar gênero; 3) Algumas afirmam que os estudos teóricos feministas influenciaram suas vidas profissionais e pessoais. O estudo foi financiado pelo CNPq.

Palavras-chave: REDOR. Feminismo acadêmico. Institucionalização dos estudos de gênero. Narrativas biográficas e autobiográficas.

INTRODUÇÃO

O movimento feminista no mundo e especificamente no Brasil deixou um legado inegável para as sociedades e nelas este legado floresceu e se multiplicou. Questões sobre saúde, segurança, sexualidade, direitos reprodutivos, formas desiguais de acesso ao emprego e participação política foram refletidas a partir desse movimento (MATOS, 2006).

No campo do conhecimento, a teorização feminista questionou os critérios de validação do conhecimento científico baseados nas experiências masculinas tomadas como padrão universal e denunciou que as práticas e as instituições

¹ Mestranda em Educação, PPGE, Universidade Federal da Paraíba.

^{**} Doutora em Educação, NIPAM, Universidade Federal da Paraíba.

^{***} Doutora em Sociologia, NIPAM, Universidade Federal da Paraíba.

18° REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



científicas são gendradas (HUMM, 1989; SCHIEBINGER, 2001, citadas por CARVALHO, 2012). Este movimento social propôs, de acordo com Carvalho (2012, p.3), “uma epistemologia que reconhece o lugar da emoção, subjetividade e corpo no conhecimento, concebido como práxis, conscientização e empoderamento individual e coletivo”.

Neste contexto, ganham destaque as experiências das mulheres e suas contribuições culturais, especificamente, no interesse deste trabalho, suas contribuições para o desenvolvimento dos estudos feministas e de gênero nas instituições de educação superior. É importante destacar, por um lado, o papel das universidades e do conhecimento crítico que produzem objetivando desconstruir práticas de dominação, opressão, violência e contribuir para as políticas públicas, em especial, as de gênero; e, por outro lado, que elas já se constituem como espaços “feminizados”. Porém, a ausência dos valores feministas ainda é predominante e, quando há inserção da temática de gênero, é de forma superficial e periférica (MATOS, 2006).

Este trabalho, fruto de projeto de pesquisa mais amplo², analisou dez entrevistas biográfico-narrativas e cinco autobiografias de docentes feministas integrantes dos núcleos ou grupos de estudos de gênero vinculados à Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Sexo e Gênero - REDOR.

1 REFERENCIAL TEÓRICO METODOLÓGICO

O interesse em narrativas tem sua origem na *Poética*, de Aristóteles, e está relacionado com a consciência do papel que o contar histórias desempenha na conformação de fenômenos sociais (JOVCHELOVITCH e BAUER, 2007)

As narrativas se fazem presentes em todo lugar e são consideradas uma forma elementar de comunicação humana e universal, não havendo experiência humana que não possa se expressar na forma de uma narrativa.

²Chamada MCT/CNPq/SPM-PR/MDA N° 32/2012, Projeto “Trajetórias e contribuições dos Núcleos de Estudos da Mulher e Relações de Gênero integrantes da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre Mulher e Relações de Gênero – REDOR: Do pessoal ao institucional”.



Quadro perfil das acadêmicas feministas

Nome, núcleo/IES	Idade em 2013	Estado civil, Filhos/as	Graduação término	Mestrado Conclusão foco em gênero	Doutorado Conclusão foco em gênero	Militância
1. Alda B. da Motta, NEIM/UFBA.	82	Viúva, três filhos	Ciências Sociais, 1967.	Ciências Sociais UFRPE, 1977.	Educação, UFBA, 1977. Sim.	Sim. Após entrar na academia
2. Ana Alice A. Costa, NEIM/UFBA.	61	Divorciada. Doze filhos.	Ciências Sociais, UFPE, 1975.	Sociologia UNAM México, 1981.	Sociologia Política UNAM México, 1996. Sim.	Sim, dentro e fora da academia
3. Cristina Maria Buarque, Fundação Joaquim Nabuco	-	Divorciada, dois filhos, um falecido	Economia, 1966.	Ciência Política UFPA, 1991.		Sim. Dentro e fora da academia.
4. Denise M. Cardoso, GEPEM/UFPA.	49	Divorciada. Duas filhas	História, UFPA, 1979.	Antropologia UFPA, 2000.	Pós Graduação do Tópico Úmido, UFPA, 2006.	Sim, após entrar na academia.
5. Elvira Simões Barreto, NTMC/UFAL.	49	Divorciada, duas filhas e um filho	Serviço Social, UFPA, 1988.	Serviço Social UFPA, 1999.	Periodismo y Comunicación, UAB, Espanha, 2008.	Sim, após entrar na academia.
6. Gema Galgani S. L. Esmeraldo, NEGIF/UFC.	61	Uma filha.	Economia Doméstica, UFC, 1976.	Educação, UFPA, 1999.	Sociologia, UFC, 2003. Sim.	Sim. Dentro e fora da academia.
7. Iraildes C. Torres, NEIREGAM/UFAM.	51	Divorciada. Um filho.	Serviço Social, UFAM, 1991.	Educação, UFAM, 1998. Sim.	Ciências Sociais, UFAM, 2003. Sim.	Sim. Dentro e fora da academia.
8. Laura Susana Duque Arrazola, NUPEM/UFRPE	66	Viúva, sem filhos	Sociologia, Univ. Javeriana, Colômbia, 1972.	Sociologia Rural, UFPA, 1983.	Serviço Social, UFPA, 2003. Sim.	Sim. Dentro e fora da academia.
9. Margarete Edul P. Lopes, NEGA/UFAC.	54	Casada. Duas adotivas	Letras Vernáculas, UFRJ, 1982.	História Literária, UNICAMP, 1997. Sim.	Letras e Linguística, UFBA, 2005. Sim.	Sim. Dentro e fora da academia
10. Maria Cecília B. Sardenberg, NEIM/UFBA	65	Divorciada. Um filho e uma filha.	Antropologia Cultural, Illinois State University, 1977.	Antropologia Social, Boston University, 1983.	Antropologia Social, Boston University, 1983. Sim.	Sim, dentro e fora da academia.
11. Maria Helena S. Cruz, NEPIMG/UFPE.	72	Casada. Três filhas e um filho	Serviço Social, UFPA, 1973.	Educação, UFBA, 1999.	Sim. Educação, UFPA, 1999.	Sim, após entrar na academia.
12. Maria Luzia Miranda Álvares, GEPEM/UFPA.	73	Casada, quatro filhas.	Ciências Sociais UFPA, 1977.	Desenv. Sustentável Tópico Úmido, UFPA, 1990.	Ciência Política, UFPA, 2004. Sim.	Sim, após entrar na academia.
13. Maria Mary Ferreira, NIEPEM/UFMA.	57	Casada, Dois filhos.	Biblioteconomia, UFMA, 1981.	Políticas Públicas, UFMA, 1999.	Sociologia, UNESP, 2006. Sim.	Sim, dentro e fora da academia
14. Maria do Rosário de Fátima A. Leitão, NPAMC/UFPE.	56	Casada, uma filha	Arquitetura, UFPE, 1981.	Desenv. Urbano, UFPE, 1988.	Estudos Iberoamericanos, Univ. Complutense de Madrid, Espanha, 1999. Sim.	Sim. Dentro e fora da academia.
15. Nadia Regina L. B. Lima, NTMC/UFAL.	62	Viúva. Dois filhos.	Serviço Social, UFPA, 1973.	Sociologia, UFPE, 1999.	Letras e Linguística, UFAL, 2011. Sim.	Sim. Dentro e fora da academia.

Mais da metade das professoras desenvolveram a militância antes da inserção na academia levando consigo a militância para o interior da universidade e militando concomitantemente fora da IES.

Uma minoria iniciou a atuação feminista após entrada na universidade, evidenciando a importância dos estudos feministas nas IES para o despertar de formas de opressão, discriminação arraigadas no androcentrismo e patriarcado.

2 ANÁLISE DAS NARRATIVAS BIOGRÁFICAS E AUTOBIOGRÁFICAS



Na análise das narrativas e autobiografias, evidenciou-se que metade das docentes sofreram discriminação por pesquisar, estudar a temática de gênero na universidade.

A seguir, apresenta-se alguns trechos das falas dessas professoras em itálico para destacar suas vozes.

Ana Alice Alcântara Costa.³ Diz que *“A gente começa a ser queimada como as feministas acadêmicas.”*

Elvira Simões Barretto.⁴ Não faz parte da pós graduação na universidade em que está lotada, mas sob o seu ponto de vista diz que o programa se utiliza do argumento de que não existe docente neste setor para orientar no tema: *“Recomenda-se que os projetos para a seleção do mestrado não sejam nessa linha sob o argumento de que não há professor/a no Programa para orientar pesquisas na área.”* Evidenciando obstáculo para que a temática adentre na pós-graduação.

Quando Susana Duque Arrazola.⁵ Foi convidada para participar de um debate na universidade, um aluno quando convidado a refletir porque uma mulher não pode se aproximar para um homem e elogiá-lo, o rapaz *“[...] quase me bate. [...] começou a me agredir e se levantou. Aí o professor apoiou o cara, acabou a reunião [...]”*. Outro professor comentava sobre trechos de músicas que menospreza as mulheres chamando a atenção através de *“piadas fortes, horríveis.”*

Margarete Edul Prado Lopes.⁶ desabafa: *“[...] eles não dão nenhuma importância dentro da universidade ao estudo de gênero.”*

“É o maior desprezo [...] as pessoas discriminam. Até hoje o departamento de antropologia, não se implanta a disciplina de antropologia de gênero.” Maria Cecília Bacellar Sardenberg.⁷

Na universidade em que Maria Luzia Miranda Álvares⁸ é professora, quando

³ Doutora em Sociologia Política UNAM, México. Professora Associada do Departamento de Ciências Políticas da Universidade Federal da Bahia.

⁴ Doutora em Periodismo y Ciencia de La Comunicación, UAB, Espanha. Professora adjunta da Universidade Federal de Alagoas.

⁵ Doutora em Serviço Social, UFPE. Membro e Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher/ NUPEM/MCD/UFRPE

⁶ Doutora em Letras e Linguística UFBA, Professora Associada I, da Universidade Federal do Acre.

⁷ Doutora em Antropologia Social, Boston University. Professora Associada IV, UFBA.

18° REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



docentes de fora perguntam aos colegas sobre o que a mesma pesquisa, estuda, estes, dizem que é uma louca: “Ah, a Luzia é uma louca.” “[...] O diferencial entre a feminista, aquela que vive dos movimentos, aquela que faz do movimento de mulheres a sua luta, transferindo aquilo que sabe para uma luta social, era vista naquele momento como uma louca [...].”

“[...] porque estudos sobre feminismo e gênero ainda são visto como estudos menores [...] é como se nós não fôssemos chamadas de pesquisadoras.” Maria Mary Ferreira.⁹

As falas das docentes revelam que na academia a temática não é reconhecida como conhecimento científico. Predominando o conhecimento baseado nas experiências masculinas como universal e consequentemente guetizando as experiências femininas.

2.2 A INFLUÊNCIA DOS ESTUDOS FEMINISTAS NAS VIDAS DAS ACADÊMICAS.

Algumas docentes afirmaram que os estudos feministas influenciaram suas vidas profissionais e pessoais.

Demonstra-se a seguir, através das falas das professoras como a apropriação da teoria feminista influenciou suas vidas profissionais e pessoais.

Quando Alda Britto da Motta ¹⁰ cursou o mestrado em meio a dificuldades. Pois quando iniciava as leituras da dissertação, seu esposo dizia que ela não cuidava da casa e dos filhos, ridicularizava o tema de sua dissertação a qual se tratava da empregada doméstica. No momento de escrever a dissertação, o esposo declarou: “*Eu lhe mostro como você não faz essa dissertação.*” Porém, a professora persistiu e enfrentou as barreiras. “[...] *uma atitude mais definitivamente feminista, eu fiquei mesmo com o desespero da minha vivencia, e da opressão de mulher casada e de viver aquelas coisas.*”

⁸Doutora em Ciência Política, IUPERJ. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas Eneida de Moraes sobre Mulher e Gênero-GEPEM/UFPA.

⁹Doutora em políticas públicas, UFMA. Professora adjunta - UFMA

¹⁰Doutora em Ciências Sociais – UFPA. Professora e pesquisadora da Universidade Federal da Bahia



“A minha identificação como feminista foi reforçada ao longo de minha formação acadêmica, mas creio que decisivamente essa realidade se tornou mais nítida a mim quando cursava o mestrado em Antropologia Social”. Denise M. Cardoso.¹¹

Para Elvira Simões Barretto, o feminismo foi impactante em sua vida. *“O meu encontro com o feminismo (1989), com seus fundamentos teóricos, conceituais e filosóficos, gerou na minha vida, um impacto inenarrável. [...] a partir da minha condição de mulher, no contexto de desigualdades sociais que um corpo do sexo feminino é submetido e que foi despertado por estudos, pesquisas, oficinas e vivências na perspectiva feminista.”*

Gema Galgani Silveira Leite Esmeraldo¹² antes de ingressar na academia, fazia parte do movimento sindical junto às mulheres, contribuindo para sua formação política e concomitantemente buscava formação acadêmica. *“busquei a formação acadêmica, andaram juntas, eu acho difícil de fazer isso individualmente [...] porque demora mais você sozinha a se despertar.”*

“O feminismo me libertou de um peso, abriu meus olhos para a pessoa que eu tentava construir baseado em conceitos que a sociedade patriarcal me ditava e a pessoa que eu realmente desejo ser.” Maria Helena Santana Cruz.¹³

“[...] o feminismo é que efetivamente me despertou e me mostrou claramente essa relação de desigualdade e daí eu acho que eu fiz disso um princípio [...]” Maria Mary Ferreira.

“Desde que conheci o feminismo, minha história pessoal e profissional vem caminhando conjuntamente, até porque, acredito, não poderia ser diferente.” Nadia Regina Loureiro de Barros Lima.¹⁴

Percebe-se, nas falas das docentes que a aquisição do conhecimento teórico acerca do feminismo e de gênero influenciou suas vidas profissional e pessoal contribuindo para o acordar da opressão, desigualdade, vivenciada quer seja no plano da vida pessoal quanto profissional.

¹¹Pós Graduação do Trópico Úmido UFPA. Pesquisadora do Laboratório de Antropologia da Universidade Federal do Pará

¹² Doutora em Sociologia – UFC. Professora Associada da Universidade Federal do Ceará

¹³ Doutora em Educação – UFBA. Professora associada III UFS.

¹⁴ Doutora em Letras e Lingüística - UFAL. Professora titular da UFAL

18° REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste trabalho, os resultados evidenciam que estudos feministas influenciaram as vidas profissionais e pessoais de algumas docentes, contribuindo para as motivações e visões acadêmico-científicas os quais através da militância dentro e fora da academia impulsionam as feministas para a luta contra as formas de discriminação, subordinação e desigualdades existentes na sociedade. Evidenciou-se também que metade das acadêmicas sofreram discriminação por pesquisar, estudar a temática de gênero.

No que se refere ao desenvolvimento da carreira docente, antes da inserção na academia, mais da metade das feministas militavam antes de inserir-se na IES e continuaram a militância dentro da universidade.

Diante das barreiras, as acadêmicas fazem dos estudos de gênero suas motivações e compromisso político, fazendo da militância uma bandeira de luta para que suas contribuições sejam reconhecidas na academia.

REFERÊNCIAS

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 6ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MATOS, Marlise. A institucionalização do feminismo no Brasil. Os núcleos de estudos de relações de gênero e o feminismo como produtores de conhecimento: A experiência da REDEFEM. **Encontro Nacional de Núcleos e Grupos de Pesquisa**. Disponível em: www.livrosgratis.com.br/arquivos_livros/br000014.pdf Acesso em: 20/10/2014.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. **Trajetórias e contribuições dos Núcleos de Estudos da Mulher e Relações de Gênero integrantes da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre Mulher e Relações de Gênero- REDOR: do pessoal ao institucional**. Projeto de pesquisa. João Pessoa/PB, 2012.

BLAY, Eva Alterman. Núcleos de estudos da mulher x academia. **Encontro Nacional de Núcleos e Grupos de Pesquisa**. Disponível em: www.livrosgratis.com.br/arquivos_livros/br000014.pdf Acesso em: 19/10/2014.

18° REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



RABAY, Glória; CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de; SILVA, Lucimeiry Batista da. Feministas e Acadêmicas: O papel da REDOR no fortalecimento dos Estudos feministas e de gênero na educação superior do Norte e Nordeste do Brasil In: MONTANÉ, Alejandra; CARBALHO, Maria Eulina Pessoa de (Org.). **Mujeres y Educación Superior**. Editora UFPB, 2013. p. 163 – 188.